

A PEDAGOGIA DO MILAGRE: O Propósito Divino do Sofrimento e da Demora

Texto Bíblico: Evangelho de João, 11:

Prezados irmãos e irmãs em Cristo, é com grande alegria e reverência que nos achegamos novamente à Palavra de Deus. Que a graça e a paz do nosso Senhor Jesus Cristo estejam com cada um de vocês.

Hoje, nosso estudo nos conduz a uma das narrativas mais emocionantes e profundas do Evangelho de João: **a ressurreição de Lázaro**, registrada no capítulo 11. Este evento não é apenas um feito extraordinário de Jesus, mas uma verdadeira “**Pedagogia do Milagre**”, uma aula divina e intencional sobre a natureza do sofrimento humano, a “demora” e o propósito soberano de Deus em meio às provações e a glória que se manifesta quando a fé encontra o poder divino.

INTRODUÇÃO: A Inevitabilidade das Crises e a Angústia da Espera

O Evangelho de João nos apresenta os milagres de Jesus não apenas como prodígios, mas como “sinais” (do grego, *semeia*), que apontam para uma verdade mais profunda sobre quem Ele é. A ressurreição de Lázaro é o ápice desses sinais, o clímax dramático que revela a plena divindade de Jesus e Sua autoridade absoluta sobre a vida e a morte, precipitando os eventos que culminariam em Sua própria Paixão. Este é o **último grande milagre público de Jesus**, realizado em Sua última semana antes de ser preso e morto na cruz. Um sinal de tal magnitude que forçaria uma decisão sobre Ele, acelerando os planos de Seus adversários.

As lições que emanam deste “sinal” são universais e atemporais, ecoando em nossas próprias vidas:

1. **As crises são inevitáveis:** A realidade humana é inegavelmente marcada pela impermanência e pela fragilidade. A narrativa nos mostra que Lázaro, sendo um amigo íntimo e muito amado por Jesus, ficou doente. Isso desfaz qualquer ilusão de que a fé em Cristo nos isenta das aflições da vida. Como nos alerta o apóstolo Pedro em sua primeira epístola:

1 Pedro 4:12: “Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos provar, como se vos acontecesse coisa estranha.” O sofrimento, portanto, não é um sinal da ausência do amor de Deus, mas, em muitas ocasiões, o terreno fértil onde a Sua glória mais se manifesta e onde nossa fé é refinada.

2. **As crises podem aumentar:** Lázaro não apenas ficou doente; sua condição piorou drasticamente, e ele chegou a morrer. Há momentos em nossa jornada em que somos bombardeados por problemas que parecem escapar totalmente ao nosso controle: enfermidades incuráveis, perdas irreparáveis, prejuízos financeiros avassaladores, o luto que dilacera a alma. Oramos com fervor, clamamos por uma intervenção, e parece que nada acontece. Pior ainda, a situação parece se agravar. Queremos alívio, e a dor se intensifica. Queremos nos reerguer, e afundamos ainda mais em um abismo de desespero. Essa escalada da aflição pode nos conduzir a um profundo sentimento de impotência. O puritano **John Owen**, mestre em analisar a vida cristã em meio às provações, afirmou com clareza:

John Owen: “As provações são necessárias não apenas para a santificação do crente, mas também para a glória do nome de Deus.” Deus usa nossas dores para Se revelar de maneiras que a bonança jamais permitiria.

3. A angústia da espera: Quando a enfermidade e o luto chegam e se instalam em nosso lar, ficamos profundamente angustiados. Nessas horas de intensa dor, nossa expectativa por um milagre imediato é imensa, e a sua ausência pode ser dilacerante. Sentimos a frustração descrita em Lucas 24:21, a mesma dos discípulos no caminho de Emaús, que conjugaram os verbos da vida apenas no passado: “Nós esperávamos que fosse ele quem redimisse a Israel, mas...”. A desesperança tenta roubar a fé no presente e no futuro, nos prendendo a um “ah, se fosse diferente”.

Este texto, de fato, nos fala da **pedagogia de Jesus** na realização deste grande milagre. O termo “pedagogia”, do grego *paidagōgia*, refere-se à arte ou ciência de ensinar, de guiar a criança. Jesus, o Mestre divino, não realiza milagres de forma aleatória ou exibicionista; cada um deles é uma aula intencional, um “sinal” estrategicamente colocado, projetado para nos ensinar verdades profundas sobre a natureza de Deus, sobre a nossa própria condição humana e sobre a dinâmica do Seu Reino. A ressurreição de Lázaro é uma das mais complexas e ricas dessas “aulas” divinas.

I. O TEMPO DO MILAGRE: Desvendando a Soberania Divina

A questão do tempo de Deus é, para a mente humana, um dos maiores e mais contundentes desafios à nossa fé e paciência.

1. Como conciliar o amor de Jesus com o nosso sofrimento (João 11:3)

Uma das mais antigas e angustiantes perguntas da humanidade, vez ou outra, vem a tona; um tema central na **teodiceia** (o estudo da bondade de Deus frente à existência do mal e do sofrimento): “Se Deus é bom e todo-poderoso, por que Ele permite o sofrimento, especialmente daqueles que Ele ama?”

A família de Betânia – Marta, Maria e Lázaro – era profundamente amada por Jesus. Ele tinha um relacionamento íntimo e terno com eles, comia em sua casa, compartilhava momentos de comunhão e descanso. No entanto, Lázaro ficou enfermo, e Jesus não o impediu. Por que permitiu que suas irmãs sofressem? Por que permitiu que o próprio Lázaro morresse? Este é o grande mistério do amor e do sofrimento, um paradoxo que nos confronta.

Marta e Maria, em sua aflição e desespero, fizeram o que era certo: buscaram ajuda em Jesus. Elas tinham a convicção de que Jesus mudaria Sua agenda e as atenderia sem demora. E buscaram ajuda na base correta e irrefutável: o amor de Jesus por Lázaro, e não o amor de Lázaro por Jesus. Com o coração apertado, elas oraram, em essência: “Jesus, aquele a quem amas está gravemente doente” Essa é a linguagem genuína da súplica, fundamentada na graça e na certeza do amor do Mestre.

A aparente “contradição” na atitude de Jesus – Sua deliberada demora em curar Lázaro à distância, algo que já havia feito com o filho de um centurião em Cafarnaum (João 4:46-54) – chocou e confundiu até mesmo os judeus presentes, que pensaram que amor e sofrimento não podiam andar juntos (João 11:37). “Se Jesus nos ama, por que sofremos? Se ele é Todo-poderoso, por que não nos livra do sofrimento? Por que um filho de Deus fica doente, perde o emprego, enfrenta o luto?”

Esta é uma pergunta que ecoa em todos os séculos, uma angústia universal que permeia a experiência humana. **C.S. Lewis**, o renomado apologeta e escritor, em sua obra clássica “O Problema do Sofrimento”, aborda essa questão com profundidade inigualável:

C.S. Lewis: “Deus sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores: é o Seu megafone para despertar um mundo surdo.” Para Lewis, a dor é um convite radical à atenção de Deus.

Não há “imunidades especiais” garantidas para os filhos de Deus contra tragédias, mágoas e dores. O próprio Pai amou o Filho unigênito de forma perfeita, mas permitiu que Ele bebesse o cálice amargo do sofrimento e morresse na cruz em nosso lugar. A história dos apóstolos é um testemunho pungente disso: “Nenhum dos discípulos teve morte natural, exceto João, e ele morreu exilado em uma ilha solitária.” Jesus não prometeu **imunidade especial**, isto é, ausência de aflições, mas sim **imanência especial**: Sua presença constante, sustentadora e inabalável em meio a todas as provações. Ele nunca nos prometeu uma explicação exaustiva para cada dor que experimentamos, mas prometeu Ele próprio, Aquele que é a Fonte de toda explicação e a própria Resposta para todas as nossas indagações. A presença de Deus em nosso sofrimento é, muitas vezes, infinitamente mais valiosa e transformadora do que a compreensão lógica de suas causas.

2. Como conciliar a nossa necessidade com a demora de Jesus (João 11:6,39)

A narrativa nos revela uma ação deliberada de Jesus. Ao invés de mudar Sua agenda e ir imediatamente socorrer Lázaro, Jesus ficou ainda mais dois dias onde estava. Em vez de ir, Ele manda apenas um recado, uma palavra que, na superfície, parece contraditória com a realidade que se desenrolava: “Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus” (João 11:4). Mas Lázaro, contra todas as expectativas e a despeito da palavra de Jesus, morreu.

Marta precisou lidar não apenas com a doença e a morte do irmão, mas também com a aparente e angustiante demora de Jesus. “Por que ele não veio? Será que ele virá? Será que ele nos ama mesmo?” Muitos de nós, como Marta, tendem a censurar a aparente demora de Jesus em nossas vidas.

A fé de Marta, nesse momento de crise, oscilou dramaticamente entre a fé professada e a lógica da realidade cruel. Como ela poderia entender as palavras de Jesus, “Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus”, se quando o mensageiro as entregou a Jesus, Lázaro já estava morto? Ela duvidou. Ela se angustiou. A demora de Jesus a deixou frustrada, beirando a decepção (João 11:21). Sua fé foi submetida a três provas duras e sucessivas: 1) A ausência inicial de Jesus (v. 3); 2) A prolongada demora de Jesus (v. 21); 3) A implacável realidade da morte de Lázaro (v. 39).

A Bíblia está repleta de exemplos da “demora” divina, revelando um padrão na pedagogia de Deus:

- Deus prometeu um filho a Abraão e Sara – e só depois de 25 anos cumpriu a promessa (Gênesis 12:4; 21:5).
- Na tempestade no mar, Jesus só foi ao encontro dos discípulos na quarta vigília da noite, quase ao amanhecer, deixando-os passar por um longo período de terror (Marcos 6:48).
- Jairo foi pedir socorro a Jesus para sua filha moribunda – mas quando Jesus chegou à sua casa, sua filha já estava morta (Lucas 8:49).

O tempo de Deus não é, e nunca será, o nosso tempo. O teólogo contemporâneo **John Piper**, ao discorrer sobre a soberania de Deus sobre o tempo e a paciência, ressalta uma verdade fundamental:

John Piper: “Deus nunca está com pressa, mas nunca está atrasado. Ele sempre está na hora certa.” A pressa é nossa, a urgência é do nosso cronômetro; o tempo de Deus é perfeito.

3. Como conciliar o nosso tempo (*cronos*) com o tempo de Jesus (*kairós*) (João 11:6)

A distância entre Betânia e o local onde Jesus estava era de mais de 32 km, o que representava aproximadamente um dia de viagem. O mensageiro gastou um dia para chegar a Jesus. O Evangelho

indica que Lázaro morreu logo ao sair de Betânia. Portanto, quando a notícia da enfermidade de Lázaro chegou a Jesus, Lázaro já estava morto. E Jesus, de forma deliberada, demorou mais dois dias e depois gastou outro dia para chegar. Assim, quando Ele finalmente chegou à casa de Betânia, Lázaro já estava sepultado há quatro dias. A cronologia é precisa e intencional.

A Escritura nos revela que Jesus “se alegrou por não estar em Betânia antes da morte de Lázaro” (João 11:15) e “deu graças ao Pai por isso” (João 11:41b). Isso sublinha a profunda verdade de que Jesus sempre agiu em perfeita obediência e sincronia com a agenda do Pai (cf. João 2:4; 7:6,8,30; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1).

Aqui, a distinção teológica entre *cronos* e *kairós* é de suma importância para a nossa compreensão:

- **Cronos** (*χρόνος*) refere-se ao tempo cronológico, linear, quantificável: os segundos, minutos, horas, dias, anos. É o nosso tempo, medido por relógios e calendários. É o tempo da ansiedade e da pressa humana.
- **Kairós** (*καιρός*) refere-se ao tempo oportuno, ao momento qualitativo, o tempo de Deus, o momento certo. É um tempo determinado por um propósito divino específico, uma intervenção decisiva na história.

Marta e Maria, em sua perspectiva humana, pensaram que Jesus tinha chegado atrasado. Mas a verdade bíblica nos revela que Ele chegou no *kairós* de Deus, no tempo oportuno e perfeito do Pai (João 11:21,32). Jesus não chega atrasado. Ele não falha. Ele não é colhido de surpresa por nenhuma circunstância. Ele conhece o fim desde o princípio, o amanhã desde o ontem. Ele enxerga o futuro desde o passado mais distante. Ele sabia que Lázaro estava doente e que Lázaro já estava morto. Ele demorou mais dois dias porque sabia exatamente o que ia fazer: orquestrar uma lição magistral que transcenderia a cura de uma doença, culminando na gloriosa vitória sobre a própria morte, revelando Sua própria identidade como a Ressurreição e a Vida.

II. O MODO DO MILAGRE: A Manifestação do Cristo Vivo

Além da dimensão do tempo, o “como” do milagre da ressurreição de Lázaro revela verdades profundas sobre a identidade de Jesus e a natureza da verdadeira fé.

1. Jesus não está preso às categorias do nosso tempo (João 11:22-25)

A conversa entre Jesus e Marta é um diálogo teológico de tirar o fôlego, um verdadeiro duelo entre a fé incipiente e a revelação plena. Marta crê no Jesus que poderia ter evitado a morte de Lázaro – o Jesus do **PASSADO** (“Se o Senhor estivesse aqui, meu irmão não teria morrido”, v. 21). Ela também crê no Jesus que ressuscitará os mortos no último dia – o Jesus do **FUTURO** (“Eu sei que ele há de ressuscitar na ressurreição, no último dia”, v. 23-24). Mas a sua fé falha no ponto crucial: Marta não consegue crer que Jesus possa fazer um milagre **AGORA**, no presente, rompendo as barreiras do que ela concebia como possível. Ela vacila entre a FÉ (v. 22) e a lógica humana (v. 24).

Somos assim também, não somos? E a nossa congregação? Não duvidamos que Jesus realizou prodígios grandiosos no passado, lidos e proclamados nas Escrituras. Não duvidamos de crer que Ele fará coisas tremendas no fim dos tempos, na consumação de todas as coisas. Mas nossa maior dificuldade reside em crer que Ele opera ainda hoje, com o mesmo poder sobrenatural, no **PRESENTE**, em nossas circunstâncias cotidianas.

Essa pode ser a sua angústia, a angústia de muitos de seus irmãos: Você tem orado fervorosamente pelo seu casamento e o vê mais perto da dissolução. Tem orado incansavelmente pela

conversão do seu cônjuge e o vê mais endurecido. Tem orado pelos seus filhos e eles continuam mais distantes de Deus. Tem orado por um emprego e ele ainda não surgiu. Tem orado pela sua vida emocional e ela ainda parece um deserto árido e sem vida.

O grande erro do “Ah, se fosse diferente” das duas irmãs, foi justamente o de omitir, de negligenciar, o poder presente e ativo do Cristo vivo. Marta vivia presa nas lembranças do passado ou nas esperanças distantes do futuro. Mas é precisamente no *presente* que o tempo toca a eternidade. Não podemos viver apenas de lembranças que já se foram, nem apenas das promessas que ainda são futuro distante. Precisamos crer *hoje*, com uma fé viva e atuante, no poder de Jesus para agir em nossa realidade imediata. Jesus não é o grande EU ERA (passado) nem o grande EU SEREI (futuro). Ele é o grande EU SOU (presente eterno).

No Evangelho de João, Jesus usa sete declarações solenes e divinas “Eu Sou” que revelam Sua divindade inerente e Seu poder que transcende o tempo:

1. “Eu sou o pão da vida” (João 6:35)
2. “Eu sou a luz do mundo” (João 8:12)
3. “Eu sou a porta das ovelhas” (João 10:9)
4. “Eu sou o bom pastor” (João 10:11)
5. “Eu sou a ressurreição e a vida” (João 11:25) - a declaração central para este sermão, a resposta suprema à desesperança de Marta!
6. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6)
7. “Eu sou a videira verdadeira” (João 15:1)

Essa declaração “Eu Sou” remete diretamente ao nome de Deus revelado a Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:14), afirmindo a presença autoexistente, eterna e onipotente de Deus no presente. **Wayne Grudem**, um dos mais influentes teólogos sistemáticos contemporâneos, destaca a importância teológica dessas declarações:

Wayne Grudem: “Essas declarações são mais do que meras metáforas; elas são afirmações de que Jesus é a própria fonte e essência de tudo o que essas figuras representam.” Jesus é, em si mesmo, a própria solução, a própria vida, a própria luz.

2. Jesus se identifica com a nossa dor (João 11:35)

“Jesus chorou.” Esta é a menor frase da Bíblia, mas talvez uma das mais poderosas e comoventes. As lágrimas de Jesus revelam Sua plena humanidade, Sua profunda compaixão e Seu amor incondicional (João 11:36). Jesus se importa genuinamente com você e com sua dor.

Ele não é o Deus distante dos deístas, que criou o mundo e o abandonou à sua própria sorte. Não é o Deus impessoal dos panteístas, que se confunde indiferentemente com a própria criação. Não é o Deus fatalista dos estoicos, que se resigna passivamente a um destino pré-determinado. Nem mesmo o Deus bonachão dos epicureus, que está alheio e despreocupado com os problemas humanos. Ele não é o Deus morto, pregado numa cruz de bronze, uma divindade imóvel e inerte; nem o Deus legalista, o “xerife cósmico” dos fariseus, preocupado apenas com regras e rituais vazios.

Ele é o **Deus Emanuel**, o “Deus conosco”. Ele chora com você. Ele sofre por você. Ele se importa com você. Ele se identifica plenamente com você. Ele é o Deus que chora, que sofre, que terapeutaiza a nossa dor, que entra em nossa angústia e a transforma com Sua presença.

Jesus conhece a dor em suas diversas e multifacetadas formas, pois a experimentou em plenitude:

- **A dor do sem teto:** Ele não tinha onde reclinar a cabeça (Mateus 8:20). Ele comprehende a dor da pobreza e a linguagem árida e dolorida do salário mínimo que não alcança o fim do mês.
- **A dor da solidão:** Nas horas mais difíceis e cruciais de Sua vida e ministério, Ele estava só, abandonado no Getsêmani e solitário na cruz.
- **A dor da perseguição:** Foi caçado incansavelmente por Herodes, vigiado e espreitado pelos fariseus, odiado irracionalmente pelos escribas e finalmente entregue pelos próprios sacerdotes.
- **A dor da traição:** Foi traído pela multidão que O aplaudira poucos dias antes, por Judas, negado por Pedro, e abandonado em Seu momento mais crítico pelos discípulos mais próximos.
- **A dor da humilhação:** Foi preso injustamente, espancado brutalmente, cuspido com desprezo, deixado nu e pregado na cruz como um criminoso comum, sofrendo a mais vil das humilhações públicas.
- **A dor da enfermidade:** Embora Ele próprio não tenha adoecido, Ele tomou sobre Si as nossas dores e enfermidades (Isaías 53:4), carregando-as em Seu corpo vicário.
- **A dor da morte:** Ele suportou o peso avassalador da morte, arrancou o seu aguilhão e nos trouxe a gloriosa ressurreição e a vida eterna.

Jesus não apenas está presente conosco em nosso sofrimento; Ele se compadece de nós, chora conosco. Jesus chorou em público, diante de uma multidão incrédula e de uma família enlutada, demonstrando Sua profunda humanidade e amor. Sua empatia O levou ao ponto máximo de identificação com a nossa dor: a descida ao Hades. A ilustração do Titanic é incrivelmente poderosa para comunicar a profundidade do amor de Deus: sete anos antes de o navio ser encontrado, a National Geographic se preparava para fotografá-lo. Em 1991, o fotógrafo Emory Kristof tirou fotos a 3.500m de profundidade. A propaganda dizia: “Até que ponto chega um fotógrafo da Geographic para obter uma foto perfeita?” A pergunta, então, é: “Até que ponto Deus chega para revelar Seu terno amor para com os pecadores e sofredores?” A resposta é avassaladora: Até o ponto de Seu próprio Filho descer ao abismo, ao Hades, à própria morte, para nos resgatar. **João Calvino**, ao comentar este episódio, realçou a importância do pranto de Jesus:

João Calvino: “As lágrimas de Cristo foram um testemunho de sua verdadeira humanidade. Ele não foi um fantasma, mas um homem de carne e sangue, com todas as afeições humanas, exceto o pecado.” Sua dor não é alheia a Ele; Ele a conhece e a carrega conosco.

3. Jesus não exclui a participação humana em face da sua intervenção milagrosa (João 11:39,40,44)

Este é um ponto teologicamente denso e crucial, que nos ensina sobre a bela e misteriosa interação entre a soberania divina e a responsabilidade humana.

A) “Tirai a pedra” (João 11:39): Só Jesus tem o poder absoluto para ressuscitar um morto. Isso, de fato, Ele faz. Mas remover a pedra do sepulcro, um esforço físico que as pessoas presentes podiam e deveriam fazer, Ele ordena que façam. Jesus chama Lázaro da sepultura. O teólogo **D.A. Carson**, em seu profundo comentário sobre o Evangelho de João, observa que se Jesus não tivesse mencionado o nome de Lázaro, tal era o poder e a autoridade de Sua voz, que todos os mortos sairiam de seus túmulos! Mas Lázaro, mesmo estando morto, pôde ouvir a voz do Mestre. No dia final, na

segunda vinda de Cristo, os mortos em Cristo também ouvirão Sua voz potente e gloriosa e sairão do túmulo para a vida eterna (João 5:28-29).

A ordem “Tirai a pedra” possui um simbolismo profundamente aplicável às nossas vidas. Significa ter a coragem de enfrentar uma situação que há muito não queremos mais mexer, uma realidade que evitamos. É tocar em uma ferida antiga, em uma memória dolorosa que “cheira mal”, que nos aprisiona. É abrir a porta para algo que nos confronta e nos tira da zona de conforto. Temos medo de enfrentar nosso passado de dor, nossos traumas não resolvidos, nossos pecados escondidos ou negligenciados. Mas a intervenção divina, o milagre da restauração, muitas vezes exige que removamos os obstáculos que nós mesmos ou outros, pela inércia ou pelo pecado, colocamos.

Quando tiramos a pedra e olhamos para dentro do túmulo, para a realidade incômoda, Jesus, em um gesto de profunda reverência e humildade, olha para cima e ora (João 11:41). Ao enfrentar o mau cheiro e a realidade inquestionável da morte, Jesus orou. Isso nos convida a uma reflexão vital: Oramos nós com fé inabalável por aqueles que estão aflitos? Cremos que Deus responde às orações, mesmo quando a situação parece irreversível? Jesus orou dando graças. O milagre começou não na voz de comando, mas na gratidão antecipada. A ilustração de Lia (Gênesis 29:31-35) é um exemplo vívido de como a gratidão em meio à dor pode ser o gatilho para a graça restauradora: sua vida era um poço de amargura até que, na quarta gestação, ela adotou uma atitude de louvor e fé, abrindo-se para Deus, que lhe deu uma nova identidade e um novo propósito.

B) “Desatai-o e deixai-o ir” (João 11:44): Lázaro agora estava vivo, mas com as vestes mortuárias que o prendiam: seus pés, suas mãos e seu rosto estavam enfaixados. Jesus, o Doador da vida, ressuscitou Lázaro, mas ordenou que os outros o desatassem. Isso aponta para a indispensável importância da **comunidade da fé**. Uma vez que somos ressuscitados espiritualmente por Cristo, precisamos nos despir das vestes da velha vida – antigos hábitos, padrões de pensamento, vícios, pecados, costumes que nos limitam e roubam nossa liberdade em Cristo. Precisamos nos revestir das roupagens do novo homem, de uma nova identidade em Cristo. E, crucialmente, precisamos ajudar uns aos outros a remover as ataduras que nos prendem – ataduras do passado, mágoas, ressentimentos que ainda nos escravizam. Somos uma comunidade de cura e restauração. Esse processo deve começar primeiramente em nosso próprio lar, em nossos relacionamentos mais próximos. Há tempo de atar e tempo de desatar (Eclesiastes 3:7).

C) “Se creres, verás a glória de Deus” (João 11:40): A promessa de Jesus a Marta é a essência do milagre. Jesus quer não apenas que encontremos a solução para nossos problemas, mas que, pela fé, nos tornemos parte da solução para o problema do mundo – que testemunhemos e vivamos o Seu poder transformador. Em vez de duvidar, de questionar, de lamentar o que não pode ser mudado, Marta deveria crer. A porta do milagre é aberta, em última instância, com a chave poderosa da fé. **Agostinho de Hipona**, em outra de suas célebres e profundas frases, sintetiza essa relação intrínseca entre fé e compreensão:

Agostinho de Hipona: “Creio para compreender, e comprehendo para crer.” A fé não é um salto cego no vazio, mas uma resposta consciente e obediente à Palavra de Jesus.

III. O PROPÓSITO DO MILAGRE: A Soberania de Deus e o Plano da Salvação

Finalmente, este milagre espetacular não é um fim em si mesmo, mas serve a propósitos divinos maiores e eternos.

1. A glória de Deus (João 11:4)

Tudo o que Jesus ensinou, fez e suportou foi para a glória de Deus Pai. A glória do Pai era o Seu maior projeto de vida, o Seu objetivo supremo. Ele veio ao mundo para revelar o Pai, para mostrar como é o coração amoroso e justo de Deus. Ele nunca se desviou desse ideal.

A morte de Lázaro era, em sua totalidade, uma oportunidade singular e perfeita para que o Pai fosse glorificado de forma inigualável. A ressurreição de um morto já é, por si só, um milagre infinitamente maior do que a cura de um enfermo. Mas a ressurreição de um morto que já estava sepultado há quatro dias, com o corpo já em processo de decomposição, é um feito ainda mais grandioso, que remove qualquer sombra de dúvida sobre o poder sobrenatural e a própria divindade de Jesus. A coisa mais importante em nossa vida, amados, não é sermos poupadados dos problemas, da dor ou da morte, mas sim glorificarmos a Deus em tudo o que somos e fazemos, em todas as circunstâncias.

Quando somos confrontados pela doença, pelo desapontamento, pela aparente demora de Deus e até mesmo pela morte, nosso único e verdadeiro encorajamento é saber que vivemos pela fé no invisível e não pelo que vemos ou experimentamos sensorialmente. O Salmo 50:15 nos convida a essa atitude de dependência e adoração: “Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.” A **Confissão de Fé de Westminster**, um dos mais importantes documentos da teologia reformada, resume o propósito principal de toda a existência humana:

Confissão de Fé de Westminster (Catecismo Menor, Pergunta 1): “Qual é o fim principal e mais elevado do homem? O fim principal e mais elevado do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.” Nossa vida encontra seu significado e propósito supremo na glória de Deus.

2. O despertamento da fé (João 11:15,42,45)

O milagre em si não é um fim. Ele possui um propósito pedagógico e evangelístico profundo: o de abrir portas para a fé salvadora e de construir avenidas para uma confiança ainda maior em Deus. Os milagres de Cristo sempre tiveram um propósito didático de revelar verdades espirituais essenciais sobre Sua identidade e missão:

- Quando Ele multiplicou os pães, queria ensinar que Ele era o Pão da Vida (João 6), que sacia a fome espiritual.
- Quando curou o cego de nascença, queria ensinar que Ele era a Luz do Mundo (João 9), que ilumina a escuridão espiritual.
- Quando ressuscitou Lázaro, queria ensinar que Ele é a Ressurreição e a Vida (João 11:25), a fonte de toda a existência.

Jesus tinha múltiplos propósitos no despertar da fé por meio deste milagre:

1. **Fortalecer a fé de Seus discípulos (v. 15):** Diante da possibilidade de Sua própria morte e dos desafios vindouros, eles precisavam aprender a confiar plenamente Nele, mesmo em face do impossível.
2. **Que Marta cresse, antes de ver a glória de Deus (v. 26,40):** O milagre foi precedido por uma declaração de fé, reforçando que a fé, muitas vezes, antecede e habilita a manifestação da glória de Deus.
3. **Despertar fé salvadora nos judeus (v. 42):** Muitos que presenciaram este evento extraordinário creram Nele, como testemunho inegável de Sua divindade.

4. Proclamar que a vida futura só pode ser alcançada pela fé Nele (v. 25-26): E que a morte, a mais temida das realidades humanas, não tem a última palavra para aqueles que Nele creem.

3. A morte de Jesus (João 11:8,16,25,26,46-57)

Este milagre, embora glorioso, não aconteceu em um vácuo. O clima em Jerusalém era de grande tensão e hostilidade contra Jesus. Na última aparição de Jesus na Judeia, antes de Betânia, os judeus já haviam tentado apedrejá-Lo (João 10:38-42; cf. v. 8). Tomé, um dos discípulos, compreendeu o perigo e a gravidade da situação, entendendo que a ida de Jesus à Judeia era, em essência, caminhar para a própria morte (v. 16). Todos sabiam do risco iminente que Jesus corria. A ressurreição de Lázaro, ao invés de converter a todos os oponentes, serviu para dividir ainda mais a opinião pública e intensificar a conspiração. Enquanto muitos judeus creram Nele (João 11:45) por causa do sinal, outros, porém, saíram dali diretamente para entregá-Lo às autoridades religiosas (João 11:46-48,53,57). O Sinédrio, o supremo conselho judaico, decidiu não apenas matar a Jesus, mas também a Lázaro (João 12:9-11), pois este último era um testemunho vivo e incômodo do poder de Jesus.

Quando Jesus foi ao lar de Betânia, Ele estava consciente e disposto a glorificar o Pai de duas maneiras cruciais: primeiro, por meio do milagre da ressurreição de Lázaro, um sinal inegável de Seu poder; e segundo, por meio de Sua própria e voluntária disposição de cumprir o plano sacrificial do Pai, dando Sua vida em resgate de Seu povo (João 17:1).

Os membros do Sinédrio, em sua cegueira e arrogância, pensaram que eles estavam no controle da situação, orquestrando a prisão e a morte de Jesus. Mas a verdade é que isso fazia parte do plano eterno e soberano de Deus. A morte de Cristo não foi um acidente, um imprevisto trágico, mas sim o cumprimento do “propósito determinado e presciênciade Deus” (Atos 2:23). A trama humana mais perversa e a injustiça mais hedionda se encaixaram perfeitamente na soberana vontade de Deus para a salvação da humanidade. O teólogo **A. W. Pink**, um grande defensor da soberania divina, escreve com convicção:

A. W. Pink: “A soberania de Deus é a verdade que governa, controla e subordina todas as outras verdades.” Deus está no controle, e Seu plano redentor se cumpre infalivelmente, mesmo através das ações mais malignas dos homens.

CONCLUSÃO: A Vitória da Fé em Meio à Provação

Amados irmãos e irmãs, concluindo este profundo estudo sobre a "Pedagogia do Milagre", talvez você esteja hoje passando por uma aflição semelhante à de Lázaro, Marta e Maria. Talvez haja alguém enfermo em sua casa, e você tem orado incansavelmente pela cura, mas vê seu ente querido piorando, e a dor se aprofundando. Talvez você espera ardenteamente a intervenção de Jesus, e Ele parece atrasado, distante, demorado. Talvez as pessoas ao seu redor cobrem de você, ou você se cobra internamente: "Por que Jesus ainda não atendeu o meu clamor? Por que o milagre não veio?"

Diante de tudo o que aprendemos e refletimos sobre a "Pedagogia do Milagre", grave esta verdade imutável em seu coração: **Jesus nunca chega atrasado.** Ele não é apenas o Deus que fez grandes coisas no passado, nem o Deus que fará maravilhas no futuro. Ele é o Deus que **faz agora**, no presente, em sua vida. Ele chora com você, pois conhece sua dor. Ele se importa profundamente com você, pois o ama com amor eterno. E Ele fará o impossível por você, pois para Ele não há impossíveis.

Para socorrer a você, Ele deu Sua própria vida. Para levantar Lázaro da sepultura e manifestar a glória de Deus, Ele enfrentou a prisão e a morte iminente. Para salvar você da condenação eterna,

Ele desceu ao abismo, foi preso, condenado e pregado na cruz. Ele experimentou a dor, a solidão e a morte em sua plenitude para que tivéssemos vida – e vida em abundância.

Ainda que seu problema seja insolúvel aos olhos humanos, ainda que seu "Lázaro" esteja sepultado há quatro dias e o mau cheiro do desespero já se faça sentir em sua alma, **creia!** Remova a pedra da incredulidade, do medo, da culpa, do ressentimento. Permita que a comunidade da fé o desate das ataduras do passado que ainda o prendem. **Creia na Palavra do Senhor, e você verá a glória de Deus se manifestar em sua vida!** Pois, como declarou o próprio Jesus a Marta, e a todos nós:

João 11:25-26: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isto?”